

Conviver com a fertilidade

Na comunhão de vida como homem e mulher, pela entrega nupcial, somos chamados a viver um amor livre, total, fiel e frutífero.

Como cristãos somos chamados a fazer concreto e visível o amor de Deus pelo nosso esposo ou esposa. Reunidos em seu nome geramos desde logo a presença de Deus no mundo sendo suas testemunhas («onde estiverem dois ou três reunidos no meu nome, Eu estou no meio deles.» Mt 18,20).

E se o corpo do homem e da mulher, nas suas diferenças, são dom um para o outro, o amor que os une transcende-os também na geração dos filhos. Os filhos tornam visível o amor dos esposos.

Este não se esgota no momento do abraço nupcial, mas concretiza-se na entrega quotidiana: na atenção um com o outro, no empenho e educação dos filhos, no serviço concreto da vida (confeção das refeições, cuidado diário das roupas e da casa, etc...). Concretiza-se também no trabalho, que além de providenciar o sustento da família, deve testemunhar, e em primeiro lugar aos filhos, como vivemos e procuramos ser cristãos no mundo. O homem exprime assim, com o seu próprio corpo, o dom sincero de si.

Somos chamados a viver na presença daquele que É a vida, e a acolher os filhos gerados neste amor. São premissas declaradas e assumidas no nosso matrimónio. De facto, ao maravilharmo-nos com o conhecimento do corpo um do outro, sabemos que Deus não nos criou sempre férteis e dotou-nos de liberdade e inteligência amorosa. O bem da família leva muitas vezes à procura generosa do bem maior em cada momento na vida do casal. E é com muita doação, entrega total e generosa, um ao outro que podemos exprimir o nosso amor sem o abraço nupcial, não deixando de o declarar.

No século passado banalizou-se o conceito de planeamento familiar até confundi-lo com a contraceção. Chega a parecer que a gravidez é encarada como uma doença sexualmente transmissível.

A revolucionária pílula libertou o homem. Sobre a mulher recaiu toda a responsabilidade e consequências físicas e psicológicas (os efeitos secundários, a 'culpa' da gravidez pela ineficácia do uso, etc...). Por alguma razão a pílula masculina continua a não ter sucesso.

Perante esta mentalidade conservadora que leva os casais a adiar sempre mais o nascimento dos filhos e a limitá-los ao máximo de dois por casal, é urgente testemunhar que não só é belo conviver com a fertilidade como o nosso organismo está preparado para o poder fazer.

Assim como apaixonante será conviver com o imprevisto, com o não projetado. Nesse projeto é preciso saber que a vida é sempre novidade. Ao longo dela vão surgir situações de maior dificuldade económica, de alguma doença, de alegrias inesperadas. Haverá momentos em que para além dos filhos surgirá, por exemplo, a presença dos avós que vêm viver com a família.

O conciliar a fertilidade sempre presente no homem com a fertilidade da mulher limitada a um curto período do mês será um dos desafios mais apaixonantes da vida em casal. Será também oportunidade única para o casal cimentar a sua união na escolha e vivência de um método eficaz na regulação dessa fecundidade e que salvguarde a saúde física e mental dos dois.

Métodos de auto-observação ou métodos naturais

Estes métodos situam-se, conforme a definição da Organização Mundial de Saúde, nos “Métodos baseados no diagnóstico dos dias férteis e inférteis do ciclo da mulher e na abstinência periódica das relações sexuais nas fases férteis, no caso de se pretender adiar uma gravidez”.

A OMS adverte ainda que, para aplicar com êxito estes métodos é imprescindível, que tanto o homem como a mulher recebam formação sobre comportamento sexual humano e sobre fertilidade; que este método requer comunicação e cooperação contínuas entre o homem e a mulher; que este método requer uma atitude motivadora da pessoa que é instrutora, que influencia a aceitação e a utilização correta do método.

Os métodos naturais permitem ao casal, num horizonte de liberdade, decidir por uma paternidade responsável, conscientes de que os seus gestos são geradores de vida.

Na aprendizagem destes métodos de regulação da natalidade é necessário que os esposos exerçam as suas capacidades intelectuais, no conhecimento da Sexualidade humana entendida como “o conjunto de conotações biológicas, psicológicas e intelectuais que fazem o ser humano manifestar-se como homem ou como mulher (Rutlland e Trullols in Sexualidade Humana Y Práctica de los Métodos Naturales).

No uso destes métodos, o planeamento familiar é entendido como um estilo de vida que integra na vida dos esposos o respeito, a responsabilidade comum e o autodomínio, que levam a adaptar o exercício da sexualidade ao biorritmo do casal. Deste planeamento resulta uma sexualidade consciente, uma paternidade responsável onde dois seres humanos no gesto sexual conjugam e cooperam em algo que os transcende, a geração de um novo ser humano.

A harmonia da vivência da sexualidade humana, que integra todas as dimensões da pessoa e da sua maturidade, tais como a dimensão afetiva, cognitiva, espiritual, permite aos esposos em liberdade comunicar amor e gerar novas vidas.

A sexualidade humana é passível de ser educada. O ser humano, embora possua um importante substrato instintivo biológico, não é só biologia e com a sua inteligência e liberdade pode decidir adiar uma relação sexual quando as circunstâncias o aconselham, pode exercer continência periódica ou até mesmo total (os que optam pelo celibato).

O autodomínio não é uma escravidão, mas um acto de liberdade, onde os esposos se dizem mutuamente que se amam, mesmo sem o abraço nupcial. E este amor é frutífero na vida da família. A maturidade passa pela educação da vontade, do autodomínio, pela tomada de consciência que as escolhas têm sempre implícitas renúncias, e de que ao escolher uma coisa boa, poderemos estar a renunciar também a outras coisas boas. (o que constitui precisamente a base da escolha do ‘outro’ para o casamento, renunciando a tantos ‘outros’).

“Uma pessoa madura é aquela que sabe prescindir da consecução de um bem para posteriormente alcançar um bem maior”, Rutlland e Trullols (1997).

Frequentemente a valorização da carreira, das condições económicas ideais, mas também a pressão social que não respeita as opções dos casais, conduzem homens e mulheres a adiar a decisão de ter filhos ou a reduzir o seu número. E isto com consequentes sofrimentos pessoais (a diminuição da fertilidade pelo aumento da idade ou pelo uso de métodos contraceptivos que põem em causa a fertilidade futura e a saúde da mulher -um contrassenso nos países ocidentais onde as taxas de natalidade são cada vez menores). Não são poucos os casais que escutam críticas ou se sentem acusados quando as suas opções não “encaixam” nos padrões sociais dominantes.

Perante as dificuldades da vida tenhamos sempre presente que Cristo prometeu: «Estarei sempre convosco, até ao final dos tempos». De facto, não estamos sós. «A quem me ama Eu me manifestarei», «Pedi e receberéis».

Não nos esqueçamos de entrar na Sua intimidade, na oração individual, de casal e familiar. Da nossa experiência, testemunhamos: Ele manifesta-se sempre! Cada um de nós é especial para Deus. Estejamos atentos aos desafios que Ele nos faz. Encontraremos na Sua vontade o Seu Amor.

O filho pede para nascer, não de qualquer maneira, mas deste amor, porque ele não é uma dívida, mas uma dádiva”, que é “o fruto do acto específico do amor conjugal de seus pais”.

Com efeito,” segundo a ordem da criação, o amor conjugal entre um homem e uma mulher e a transmissão da vida estão ordenados reciprocamente (cf. Gn 1, 27-28).

Deste modo, o Criador tornou participantes da obra da sua criação o homem e a mulher e, ao mesmo tempo, fê-los instrumentos do seu amor, confiando à sua responsabilidade o futuro da humanidade através da transmissão da vida humana» AMORIS LÆTITIA, 81. Papa Francisco